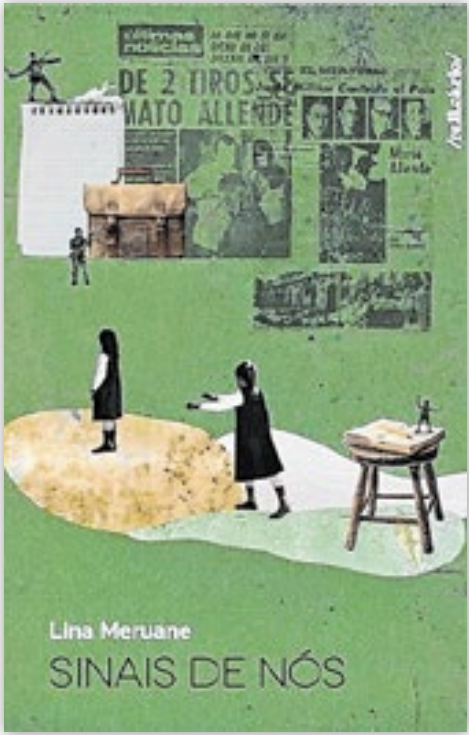
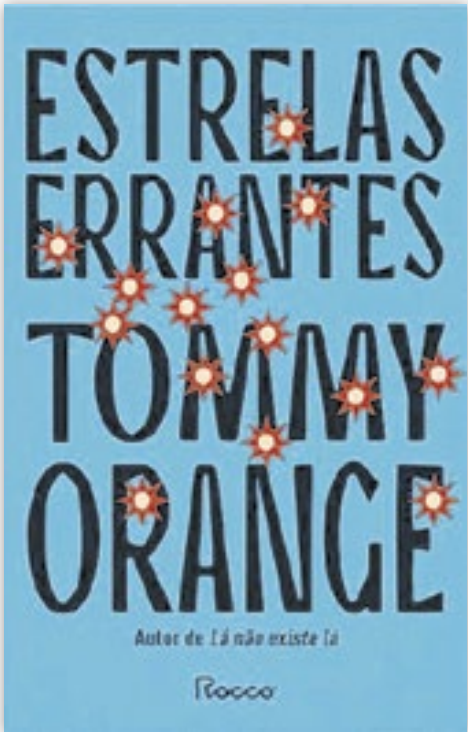


Fotos/Reprodução



Em “Estrelas errantes” (Rocco, R\$ 67,40), Tommy Orange retoma a temática do amordaçamento cultural dos indígenas norte-americanos através dos programas de “reeducação” de crianças, levadas para escolas onde aprendiam valores europeus, incluindo o cristianismo, e os massacres que reduziram as populações nativas de 25 milhões de indivíduos para 2 milhões de pessoas. Indicado ao Booker Prize, o romance mostra o quanto o genocídio das nações indígenas marcou seus descendentes que ainda sofrem toda a sorte de preconceitos, incorporando mais hábitos nocivos da sociedade branca, protestante e anglo-saxã, como o consumismo e o consumo de drogas.

Constrangido em conversar sobre desigualdade social com crianças que desconhecem tal realidade? “O prato vazio” (Ação Editora, R\$ 73,90), de Adriana Falcão, com ilustrações de Bruno de Almeida, trata do incômodo tema pelo ponto de vista de um prato, que não vê sentido em estar vazio, nem que alguém sinta fome. Um dos primeiros títulos do recém-criado selo editorial da Ação para a Cidadania, o livro quer discutir questões do momento, entre elas o dilema entre pagar um crediário ou comprar comida, vivido pela mãe de uma menina que questiona se há mais valor na propriedade ou no atendimento às necessidades básicas da sobrevivência.



localidade turística na Patagônia, ocorrido depois da queda de um meteorito que emite energia, provocando delírios e agressividade generalizada são analisados em depoimentos dos sobreviventes por relatórios policiais e recordações pessoais em “O massacre” (Darkside, R\$ 69,90), do argentino Luciano Lamberti. Qualquer metáfora com os regimes de força se apequena diante da trama, mais envolvente do que explicações e justificativas para a estupidez que domina a população de menos de cem pessoas. As reflexões depois da conclusão, no entanto, levam às culpas, aos temores, a tudo que se abre mão em prol da sobrevivência frente à violência extrema.

Único livro publicado em vida pela antilhana Françoise Ega, “O tempo da infância” (Todavia, R\$ 68,50), traz recordações de sua meninice paupérrima, mas feliz, no início do século XX, em um lugarejo de subsistência básica, onde plantas ornamentais crescem na terra, sem ter as raízes “apriionadas” em vasos – o que a menina vê pela primeira vez ao visitar parentes na capital da ilha. Em Morne-Rouge, na Martinica, ela aprende francês, deixando de lado o idioma local, antes de deixarem a ilha para viverem na França, onde ela se tornou uma importante militante dos direitos dos migrantes.

Intrigante desde a secreta identidade de seu autor, o youtuber japonês Ukatsu, que só se apresenta de máscara, os dois livros da série “Casas Estranhas” (Intrínseca, R\$ 49, cada) têm tramas que poderiam ser transpostas para qualquer cidade grande do planeta. Analisando plantas de edificações cujos cômodos não obedecem a uma lógica arquitetônica, um escritor e seu amigo projetista investigam as histórias de ex-moradores de casas, a pedido, geralmente, de candidatos à compra dos imóveis. As narrativas tornam o leitor participante das pesquisas da dupla, que já venderam mais de 1,8 milhão de exemplares mundo afora.

Solidão em situações-limite salpicam os 18 contos de “O Buraco do Mundo” (Numa, R\$ 60), de Maria Sílvia Camargo, até quando o realismo fantástico domina a narrativa. Desigualdade, violência urbana, decisões individuais se sucedem em cenários distintos que escondem rancores e revolta, com protagonistas sufocados pela angústia dos conflitos internos pautados na mesmice da contemporaneidade.